



**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS**  
**CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**HABILITAÇÃO: JORNALISMO**  
**ÁREA: JORNALISMO AMBIENTAL**

## **Tragédias revistas**

**As lembranças ao meio ambiente e as enchentes em Santa Catarina  
nas páginas da *Veja*, *Isto É* e *Época***

**LIGIA MEDEIROS PAES DE BARROS**  
**20744345**

**PROF. ORIENTADOR:**  
**LUIZ CLÁUDIO FERREIRA**

Brasília/DF, novembro de 2009

LIGIA MEDEIROS PAES DE BARROS

## **Tragédias revistas**

**As lembranças ao meio ambiente e as enchentes em Santa Catarina  
nas páginas da *Veja*, *Isto É* e *Época***

Monografia apresentada como um dos requisitos para  
conclusão do curso de Comunicação Social do UniCEUB  
– Centro Universitário de Brasília

Prof. Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília/DF, novembro de 2009

LIGIA MEDEIROS PAES DE BARROS

## **Tragédias revistas**

**As lembranças ao meio ambiente e as enchentes em Santa Catarina  
nas páginas da *Veja*, *Isto É* e *Época***

Monografia apresentada como um dos requisitos para  
conclusão do curso de Comunicação Social do UniCEUB  
– Centro Universitário de Brasília

Prof. Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

### **Banca Examinadora**

-----  
Prof. Luiz Cláudio Ferreira  
Orientador

-----  
Prof. Luiz Lobo  
Examinador

-----  
Prof. Sérgio Euclides  
Examinador

Brasília/DF, novembro de 2009



## **Agradecimentos**

Sem o amor, o apoio, a compreensão e, acima de tudo, a confiança dos meus pais, Sylvio e Lucinha, a graduação em jornalismo não teria sido possível. Sou eternamente grata a eles por isso, e por tudo. Saber que posso contar com vocês sempre, me dá a segurança que preciso para tocar a vida em frente, topor desafios com responsabilidade e com a certeza, lá no fundo, que tudo dá certo.

Ao Neto, agradeço pela presença de sempre, pela infância e adolescência compartilhadas e por despertar em mim um carinho e amor tão genuínos, que, imagino eu, só se sente por um irmão mais novo.

Ao Igor, agradeço primeiro por ter aparecido na minha vida e trazido a ela inúmeras novas, e maravilhosas, possibilidades. Em segundo, agradeço por todo o amor, pela companhia, pelas risadas, pelos ensinamentos e por poder dividir tantas experiências numa fase de constantes descobertas. Em terceiro, agradeço pela paciência comigo nesta fase e pelas sugestões a este trabalho.

Ao João, Else, Cristovão, Isadora, Fabiano, Moreno, Lia, Iara, Gustavo e Zé Ferreira agradeço por serem tão especiais, terem me acolhido com tanto carinho e por terem se tornado uma família para mim. Sem a base que vocês são, a vida em Brasília seria muito mais difícil e menos divertida.

Agradeço às minhas avós queridas e aos meus avôs que já se foram, pela dedicação, inspiração e exemplo de vida que são.

À minha família em Presidente Prudente e Campinas e aos meus amigos do coração, de infância e novos, perto ou longe, de São Paulo, de Brasília, da vida. Todos. Agradeço por terem me ensinado o valor do respeito, da troca e da amizade.

Aos meus colegas e amigos de trabalho sou grata pelo aprendizado diário e pela compreensão durante esse ano todo de tantas atividades e “tarefas” da faculdade.

Agradeço ao meu orientador Luiz Cláudio Ferreira e aos professores do UniCeUB que me estimularam durante o curso a pesquisar, estudar e “apurar”. Levo comigo todos os ensinamentos.

Por último, agradeço a mim por ter tomado a decisão (e não ter desistido) de cursar jornalismo quando o tempo de fazê-lo já parecia perdido.

## RESUMO

O presente estudo visa avaliar se a imprensa brasileira está cumprindo seu papel de informante dos cidadãos sobre a questão ambiental. Diante desse objetivo, analisou-se a cobertura realizada pelas revistas semanais de circulação nacional *Veja*, *Época* e *Isto É* sobre as enchentes no estado de Santa Catarina, em novembro de 2008, e verificou-se a relação estabelecida pelos veículos entre a tragédia e as causas ambientais. Para tanto, foram analisadas as duas edições de cada uma das revistas publicadas após a ocorrência das enchentes. Por meio da análise de conteúdo, foi feita uma avaliação qualitativa das reportagens de capa sobre as enchentes que considerou os seguintes aspectos: foco principal da reportagem, menção às causas, relação ou menção de questões ambientais, fontes consultadas e proposição de soluções. Quantitativamente, analisou-se nas edições o número de reportagens sobre meio ambiente e a existência (ou não) de uma editoria sobre o assunto na revista. Os resultados deste trabalho demonstram que a temática ambiental não está totalmente incorporada na cobertura das revistas em questão. A revista *Veja* não faz menção ao tema na reportagem de capa e tampouco em outras matérias. A revista *Isto É* foi quantitativamente a que mais pautou o tema ambiental entre suas matérias, no entanto, não trabalhou a transversalidade da questão na reportagem de capa. A revista *Época* realizou a melhor reportagem no quesito relação enchentes e meio ambiente, no entanto, quantitativamente, o tema não está consolidado no veículo. Contudo, a apresentação neste estudo de outras pesquisas sobre a cobertura ambiental na imprensa brasileira, indica que houve um avanço na abordagem da temática e que apesar de esta ainda não ser satisfatória, está melhor que há alguns anos.

# Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>08</b>
<b>1 - A função social do jornalismo .....</b>	<b>12</b>
1.1. Resgate histórico: jornalismo, um serviço público.....	12
1.2. O papel central do jornalismo na sociedade contemporânea .....	13
1.3. Construção de uma agenda pública .....	15
<b>2 – Jornalismo em profundidade .....</b>	<b>17</b>
2.1. Jornalismo nas revistas .....	17
2.2. Jornalismo especializado/jornalismo ambiental.....	18
<b>3 – O meio ambiente no centro do debate público .....</b>	<b>21</b>
<b>4 – Jornalismo e meio ambiente .....</b>	<b>25</b>
<b>5 – Estudo: o meio ambiente nas revistas .....</b>	<b>33</b>
5.1. Objeto de estudo e metodologia .....	33
5.2. As revistas .....	35
5.3. Resultados e discussão .....	36
5.3.1. Comparação .....	46
5.3.2. Outras considerações .....	48
5.4. Jornalismo em crise (?) .....	50
<b>Conclusão .....</b>	<b>51</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>53</b>
<b>Anexo – As capas das revistas sobre as enchentes em Santa Catarina .....</b>	<b>55</b>

## Introdução

Apesar de ser clara a relação de dependência dos seres humanos com a natureza e os bens que ela proporciona, a necessidade de se cuidar e proteger o meio ambiente nem sempre foi muito clara ao longo da história da humanidade. Houve um longo caminho até o debate em torno da proteção do meio ambiente se firmar na agenda pública.

Desde o final do século 20 e mais propriamente a partir do início do século 21, especialistas alertam que o planeta passa por uma crise ambiental grave. A sociedade vem se sensibilizando para o tema e essa atenção pode ser explicada em parte pelas conseqüências cada vez mais aparentes da crise, mas também pela ampliação desse debate para além da esfera de discussão dos cientistas e ambientalistas.

As mudanças climáticas tiveram um papel importante na ampliação do debate ambiental. Cuidar do planeta deixou de ser “apenas” preservar o meio ambiente para manter as “florestas e os animais”, mas se tornou uma medida de sobrevivência da humanidade.

Fortes chuvas, furacões e *tsunamis*, conseqüências das alterações do clima, tornaram-se mais freqüentes e, segundo especialistas, tendem a ser cada vez mais recorrentes. A falta de atenção ao tema ambiental ao longo da história da humanidade - refletido por ações como o desmatamento, a ocupação desordenada de encostas de morros, a degradação das matas ciliares e o lixo jogado nas ruas das cidades - pode agravar ainda mais os impactos das mudanças climáticas. Parece haver atualmente um consenso sobre a necessidade de uma rápida mudança de comportamento para que seja possível frear esse aquecimento e suas conseqüências.

Nesse cenário de sensibilização, instrução e qualificação da sociedade para enfrentar essa crise, o jornalismo tem um papel essencial. Tendo em vista que a imprensa tem como função social informar aos cidadãos para que, com conhecimento acerca da realidade, possam agir de maneira mais consciente e responsável na vida pública e privada, é fundamental que a mídia faça uma cobertura adequada sobre o tema do meio ambiente.

A abordagem transversal<sup>1</sup> do tema, a contextualização do problema, o apontamento das causas e consequências, a consulta a fontes diversas e especializadas, mencionar atores-chave no processo e propor soluções são alguns pontos fundamentais para a elaboração de uma reportagem qualificada e informativa.

Com base nessas constatações, o presente estudo visa a verificar se a imprensa brasileira está cumprindo seu dever de informante dos cidadãos sobre a questão ambiental por meio da análise da cobertura das enchentes ocorridas no estado de Santa Catarina, em novembro de 2008.

A cobertura deste fenômeno foi escolhida como estudo de caso para análise porque as chuvas que causaram as enchentes são um exemplo recente e catastrófico de fenômenos climáticos extremos, cujos impactos negativos à população foram ampliados pela alienação ambiental. A imprensa se mobilizou para cobrir o fenômeno e a sociedade brasileira se solidarizou com o desastre. Tanto jornais impressos, como televisão, rádios e revistas dedicaram diversas reportagens ao fato. No entanto, não há evidências de que essa cobertura tenha sido realizada adequadamente considerando as características destacadas de um “bom” jornalismo.

Seria fundamental tanto para instrução da sociedade, como para cobrança de autoridades públicas por ação, a consideração nas reportagens dos aspectos ambientais da tragédia. Abordar o contexto ambiental e climático na ocorrência de fenômenos como as tempestades no sul do país seria um exemplo de jornalismo de qualidade, aquele que informa, vigia e agenda temas importantes.

Nesse sentido, identificar as relações estabelecidas pelas revistas de maior circulação nacional entre meio ambiente e a calamidade das chuvas em Santa Catarina no final de 2008 constitui-se o objetivo central da presente pesquisa.

---

<sup>1</sup> A abordagem transversal é usada aqui como uma abordagem da temática ambiental em reportagens de outros assuntos que não estejam explicitamente relacionados ao meio ambiente, ou seja, a menção à questões ambientais em matérias de economia, políticas ou mesmo tragédias como as enchentes em Santa Catarina.

Para a realização do estudo foi feito o acompanhamento da cobertura das enchentes realizadas pelas revistas: *Veja*, *Época* e *Isto É*, nos 2 exemplares publicados após a ocorrência da tragédia, em dezembro do mesmo ano.

As revistas foram o veículo escolhido para análise por acreditar-se que são espaços onde é possível realizar um jornalismo com maior profundidade do que os jornais diários. Isso se deve tanto ao maior espaço existente na revista, como à possibilidade de o jornalista ter maior tempo de apuração; aspectos que supostamente deveriam contribuir para a elaboração de reportagem completa e com abordagem contextualizada. Outro ponto que influenciou a decisão das revistas para a análise é o fato de que, por serem veículos de informação-geral, elas atingem um público amplo e diversificado.

O método de análise das revistas focou tanto aspectos qualitativos, como quantitativos, uma vez que os critérios de avaliação escolhidos foram: 1) o foco da matéria, ou seja, o principal assunto discutido na reportagem 2) a menção às causas das enchentes 3) menção ou relação do problema com o tema ambiental, 4) as fontes de informação consultadas, e 5) a proposição de soluções.

Além das reportagens de capa sobre o fenômeno em Santa Catarina, avaliou-se também se a revista abordou o tema ambiental em outras reportagens, qual o foco dessas reportagens e se há uma editoria de meio ambiente na revista.

Para subsidiar a análise, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre conceitos teóricos do jornalismo e sobre a agenda ambiental no mundo. O estudo foi dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo é dedicado ao debate acerca da função social do jornalismo enquanto informante da sociedade. O segundo capítulo procura esclarecer conceitos relacionados à categoria de “jornalismo ambiental”, além de abordar as especificidades que caracterizam o jornalismo feito em revistas.

O terceiro capítulo é dedicado à exploração do tema ambiental no centro do debate público mundial. Uma introdução cronológica do tema e alguns conceitos são o foco desta parte do estudo. O quarto capítulo é uma tentativa de situar, de maneira mais ampla, a cobertura de meio ambiente no Brasil por meio da apresentação de outras pesquisas sobre o tema.

O quinto e último capítulo se atém exclusivamente à análise do objeto determinado. O capítulo se inicia com a explicação dos critérios escolhidos para avaliação. Em seguida, procurou-se contextualizar as revistas analisadas, evidenciando um pouco de suas histórias e importância no cenário político-social do país. Por fim, são explicitados os resultados da pesquisa com relação a cada um dos critérios escolhidos e é feita uma problematização sobre os resultados alcançados.

Em geral, constatou-se neste estudo que a cobertura da temática ambiental nas revistas semanais analisadas - sobretudo no quesito da transversalidade da abordagem ambiental em assuntos de repercussão nacional, como foi o caso das enchentes – não é satisfatória. O jornalismo ambiental não foi completamente incorporado pelas redações e nesse sentido a imprensa deixa a desejar no seu papel de principal informante da sociedade. No entanto, estudos apontam que essa realidade vem mudando para melhor e, se ainda é insatisfatória, já é melhor do que há alguns anos.

# **1- A função social do jornalismo**

## **1.1. Resgate histórico: jornalismo, um serviço público**

Desde o fim do século 18, com a decadência de governos autocráticos e centralizados, e com a ascensão da burguesia ao poder em países europeus e nos Estados Unidos, a liberdade vem sendo defendida como um direito sagrado.

Filósofos e pensadores da época, tais como Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau e Voltaire, argumentavam sobre a necessidade do fim da censura e a importância da liberdade de expressão para assegurar a liberdade política (TRAQUINA, 2005).

É nesse contexto mundial que o jornalismo começa a ganhar espaço. Tal como apontam Kovach e Rosentiel (2003, pg. 36), “à medida que as sociedades se faziam mais democráticas, inclinavam-se na direção de uma espécie de pré-jornalismo”. Primeiramente, um jornalismo que se atinha apenas a questões políticas, bastante opinativo e partidário. Em um segundo momento, já no século 19, começa a despontar um jornalismo mais independente politicamente; influenciado pela consolidação da democracia, a urbanização e a industrialização.

Com a escolarização nas cidades, há um crescimento na quantidade de leitores e conseqüentemente uma maior demanda por informação qualificada e isenta. O cenário é favorável para a comercialização da imprensa e para o surgimento das organizações jornalísticas. O número das tiragens dos jornais cresce consideravelmente e começa atingir um público mais amplo.

Também com o advento da democracia, surge o conceito de opinião pública como um instrumento de controle social. A base deste conceito é o princípio de que uma sociedade esclarecida poderia exercer o controle do Estado e dos governos, impedindo abusos por parte dos últimos. Nesse contexto, o jornalismo passa a ser reconhecido como um elo entre a opinião pública e os governantes: ele tem o papel de informar os cidadãos e colaborar para a formação dessa opinião pública (TRAQUINA, 2005). Alguns especialistas ainda atribuem à atividade o status de um “quarto poder”, além dos poderes executivo, legislativo e judiciário.

O poder do jornalismo é de, por meio da informação, ser o guardião dessas outras instâncias, um atributo também conhecido como “cão de guarda” (em inglês, *watchdog*).

É nesse sentido que, diretamente relacionado à democracia, o serviço público de levar informação aos cidadãos se configura como preceito fundamental do jornalismo. Apenas em um ambiente em que as pessoas têm acesso às informações é que elas podem ter conhecimento acerca da realidade, formar suas opiniões e zelar para que seus direitos sejam garantidos. Tal como aponta Traquina (2005, p. 22), “A democracia não pode ser imaginada como sendo um sistema de governo sem liberdade e o papel central do jornalismo, na teoria democrática, é de informar o público sem censura”.

Ao longo do tempo, os jornais e o jornalismo foram se consolidando nas sociedades contemporâneas. É certo que o modo de informar mudou ao longo do tempo, e pode-se afirmar, está em constante adaptação para o que, pretende-se, uma evolução contínua. Como já mencionado, no fim do século 19 e início do século 20, em consequência desse crescimento da imprensa, começa a se esboçar o que é denominado por estudiosos como o “novo jornalismo”: um jornalismo factual e sem relações necessárias com a política. As notícias, que a partir de então se tornam mercadorias, passam aos leitores os acontecimentos e não mais opiniões.

Outra mudança ocorre no jornalismo em meados do século 20. Se o jornalismo factual foi um grande passo no fim do século 19, no jornalismo de hoje, apenas o factual virou insatisfatório. A contextualização e a análise do fato são consideradas essenciais no bom jornalismo.

## **1.2. O papel central do jornalismo na sociedade contemporânea**

Atualmente, o principal canal informativo nas sociedades contemporâneas são os meios de comunicação como jornais, televisão, rádio, revistas e internet. É por meio da mídia e da informação jornalística, que as pessoas têm acesso às notícias sobre a realidade a sua volta, em diversas escalas. Tanto local, nacional como mundialmente, cada vez mais as pessoas recorrem aos meios de comunicação para terem informações sobre política, economia, cultura, esportes, entretenimento, etc.

Tal como aponta Lage (2001, p. 174) “o jornal – a informação jornalística em geral – em impressos, no rádio, na televisão ou na internet – é atualmente produto de primeira necessidade, sem o qual o homem moderno não consegue gerir sua vida produtiva, programar seu lazer, orientar-se no mundo e, finalmente, formular suas opiniões. É uma forma de conhecimento e um serviço público essencial”.

Em sua função pública, espera-se do jornalismo que busque as informações as quais os cidadãos comuns não têm acesso e leve ao conhecimento de todos. “O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou uma representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante” (LAGE, 2001, p. 23).

Para Kovach e Rosentiel (2004, p. 226) “o jornalismo é contar uma história com uma finalidade. A finalidade é fornecer às pessoas informações que precisam para entender o mundo. O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente”.

Independentemente das mudanças ocorridas ao longo dos séculos - desde o surgimento da noção de imprensa, há mais de trezentos anos, até agora - o objetivo do jornalismo permanece o mesmo. Apesar das diversas dificuldades que enfrenta, o dever de informar os cidadãos é o norte da profissão. Sobre esse dever, Kovach e Rosentiel (2004, p. 31) ressaltam que “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar”.

De acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros<sup>2</sup>, “a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários e/ou diretores ou da natureza econômica de suas empresas”; “a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público”. O Código define ainda que é dever do jornalista “divulgar os fatos e as informações de interesse público”.

---

<sup>2</sup> Disponível na página web da Federação Nacional das Jornalistas e assinado por ela em agosto de 2007.

### 1.3. Construção de uma agenda pública

Ao abordar o papel central que o jornalismo ocupa na sociedade contemporânea, considera-se fundamental discorrer sobre o conceito de agendamento, ou *agenda-setting*. Tal noção, proposta na década de 1970 pelos pesquisadores McCombs e Shaw, se baseia na influência da mídia e do jornalismo na construção de uma agenda pública.

De acordo com o estudo da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI, 2009), essa teoria foi desenvolvida exclusivamente para estabelecer e identificar o agendamento de temas políticos pela mídia, no entanto, sua aplicação foi estendida para o agendamento de temas ambientais e sociais. “Segundo essa teoria a mídia tem um grande poder nas democracias contemporâneas: definir a própria agenda pública de discussões” (ANDI, 2009, p. 17).

O ponto de partida que estimulou os criadores do *agenda-setting* foi uma passagem do livro *The Press and Foreign Policy*, do cientista político Bernard Cohen (AZEVEDO): “A imprensa pode até não ser exitosa a maior parte do tempo em dizer às pessoas o que pensar, mas ela é impressionantemente bem sucedida em dizer a seus leitores sobre o que pensar” (ANDI, 2009, p. 16). Segundo Azevedo, a frase de Cohen resumia “o fato de a imprensa em sua rotina produtiva, selecionar e divulgar temas, acontecimentos e personagens que competem entre si pela atenção da mídia e por extensão da sociedade” (AZEVEDO, p. 2).

A metodologia de aplicação da noção de agendamento definida pelos pesquisadores Shaw e McCombs se dá pelo confronto dos temas agendados pela mídia com os temas discutidos pelo público, o que eles chamam de agenda do público.

Tal como aponta Azevedo, o agendamento de temas entre a sociedade pela mídia foi confirmada em diversas pesquisas. “A aplicação do modelo nos últimos trinta anos em diversas situações empíricas e os dados obtidos em mais de trezentas investigações em vários países vem reforçando consistentemente a tese de que a mídia é capaz de estruturar e organizar imagens ao mesmo tempo contingentes e permanentes no plano sociológico (construção social da realidade e padrões de sociabilidade) como político (formação da opinião pública e escolha eleitoral)” (AZEVEDO, p. 2).

Essa teoria, de acordo com Traquina (*apud* AZEVEDO), revalorizou o poder do jornalismo por apontar sua capacidade de “criar imagens do mundo exterior em nossa cabeça”, de construir uma agenda pública e de influenciar as discussões na sociedade.

Tendo isso em vista, é importante destacar a importância do jornalismo agendar temas de interesse público e relevância nacional que precisam de maior atenção. O tema ambiental, abordado no presente estudo, é um desses aspectos. O jornalismo é, ou ao menos deveria ser, enquanto serviço público, um aliado importante para levar o assunto para a agenda pública e pressionar tomadas de decisão sobre o tema.

## **2- Jornalismo em profundidade**

### **2.1. Jornalismo nas revistas**

Considerando que este estudo tem como objetivo analisar a cobertura ambiental em três revistas de circulação nacional em determinada ocasião, acredita-se interessante introduzir, mesmo que brevemente, qual é a especificidade do jornalismo realizado neste veículo.

Para abordar o assunto, vale ressaltar a distinção feita por Lage (2001) entre notícia e informação jornalística. Para o autor, a notícia é o fato puro e a informação jornalística, que tem o mesmo sentido de reportagem, é uma informação mais elaborada, com contextualização e dados importantes. “A notícia e a informação jornalística contêm, em geral, graus diferentes de profundidade no trato do assunto. A notícia é mais breve e sumária, pouco durável, presa à emergência do evento que a gerou. A informação é mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações do universo de dados” (LAGE, 2001. p. 114).

Outro ponto que vale ser mencionado na descrição do jornalismo feito em revistas é a questão da diferenciação entre o jornalismo factual e o interpretativo/analítico. Em meados do século 20, com a consolidação da democracia, surge uma demanda por um jornalismo mais qualificado do que apenas o factual (CRUVINEL, 2006). A partir deste momento, há uma cobrança para que o jornalismo seja mais interpretativo e analítico, ou seja, que não apenas informe o cidadão sobre os fatos, mas forneça contextualização acerca do fato, aborde as causas e as conseqüências e situe o leitor no mundo.

Pela periodicidade semanal, o que concede maior tempo de apuração aos jornalistas, a revista deve ser o espaço onde o leitor obtém a informação jornalística e o jornalismo interpretativo/analítico, descritos acima. De acordo com Vilas Boas (1996), a revista preenche o vazio deixado pelos jornais diários, rádio e televisão. Sua intenção não é o furo, é a abordagem diferenciada, contextualizada, aprofundada dos fatos.

“A periodicidade semanal é preponderante. As revistas fazem jornalismo daquilo que ainda está em evidência nos noticiários somando a estes pesquisas, documentação e riqueza

textual. Isso possibilita a elaboração/produção de um texto prazeroso de ler, rompendo as amarras da padronização cotidiana”. (VILAS BOAS, 1996. p. 9)

De acordo com o autor, a consistência da revista está na resposta que oferece aos “por quês” dos fatos, no “arredondamento” deste e no modo como dá ressonância ao texto. Vilas Boas ainda faz uma categorização das revistas e aponta que as mesmas podem ser divididas em três “grupos estilísticos”: as ilustradas, as especializadas e as de informação-geral. O autor faz a ressalva que de certa maneira, toda revista é especializada, uma vez que é direcionada a um público específico.

Nas revistas informativo-gerais, como é o caso de *Veja*, *Época* e *Isto É*, analisadas neste estudo, “o importante é puxar o cordão dos fatos, desamarrar o fio dos eventos, oferecer diferentes ângulos da visão da situação, complementando com históricos, depoimentos, dados estatísticos, documentário fotográfico, enquadramentos ideológicos e prognósticos” (VILAS BOAS, 1996, p. 78).

Ao fazer essa contextualização dos fatos, apresentar as causas e as conseqüências, geralmente o sistema usado para a elaboração das notícias nas revistas é o da pirâmide mista: um lide e sublide, seguido de um aprofundamento dos fatos com maior liberdade de escrita (JORGE, 2008).

Foi partindo da constatação de que nas revistas a possibilidade de contextualização dos fatos é consideravelmente maior do que em outros veículos, que, neste estudo, se escolheu analisar a abordagem de questões ambientais realizada em revistas semanais.

## **2.2. Jornalismo especializado/ Jornalismo Ambiental**

A abordagem da questão ambiental pela mídia, abordada neste estudo, traz à tona a discussão sobre o jornalismo especializado. Com a grande diversidade de temas abordados pela imprensa atualmente, as redações foram divididas em editorias que correspondem às áreas de atividade de interesse jornalístico. Política, esportes, cultura, economia, meio ambiente, ciência e tecnologia são especializações dentro do mundo de notícias oferecido pelos veículos de comunicação.

Essas especializações têm por finalidade abranger o todo complexo das atuais sociedades contemporâneas e levar aos leitores uma introdução, um caminho ou por vezes um aprofundamento em cada um dos temas. Lage (2001, p. 22) ressalta que “a sociedade moderna é composta de especialistas. (...) Como, na prática, profissões e atividades se interligam cada vez mais, é através do jornalismo que a informação circula, transposta para uma língua comum e simplificada, menos precisa, mas com potencial bastante para permitir julgamentos e indicar caminhos de investigação a quem estiver interessado”.

Nesses temas específicos, o jornalismo deve levar informações e conhecimento de modo interessante e explicativo considerando que os leitores são leigos no assunto. Tal como Lage (2001, p. 117) destaca sobre a cobertura política, “o episódio político tem conotações próprias e o fato se insere num contexto que deve ser esclarecido. A notícia nua e crua não revela todas as nuances”.

Essa mesma frase pode ser adaptada para a cobertura de outros temas específicos, como é o caso do jornalismo ambiental, que vem ganhando espaço na agenda pública e na imprensa em geral<sup>3</sup>. “O meio ambiente se tornou importante demais para que a mídia o ignore, principalmente com o crescimento da discussão sobre os novos conceitos de desenvolvimento, globalização e conservação do meio ambiente, em todos os setores da sociedade” (PRESOTTI, 2009, p. 13).

Para Lage (2001), o importante nessas coberturas é informar e educar de forma atrativa, por meio da adaptação do teor científico do conteúdo para o entendimento do leitor que não está acostumado a determinada linguagem. “O fundamental num texto de informação jornalística científica é fazer compreender e aproximar o universo da ciência do universo em que vive e pensa o consumidor da informação” (LAGE, 2001, p. 125). O mesmo autor ainda completa que clareza, simplicidade e compreensibilidade são virtudes que se esperam dos jornais quando abordam temas específicos.

---

<sup>3</sup> Vale apontar que análises sobre a maneira como o tema ambiental está sendo tratado pela mídia serão abordadas no quarto capítulo deste estudo e que o intuito aqui é apenas introduzir os atributos do jornalismo de especialidade.

De acordo com Oliveira (*apud* BELMONTE, 2004, p. 35), “A imprensa tem um papel fundamental em informar e educar a população sobre temas de interesse público, como questões socioambientais”. Essa função educativa da mídia no tema ambiental é reconhecida por lei na Política Nacional de Educação Ambiental<sup>4</sup> (LÜCKMAN). De acordo com Lückman, “no contexto em que parece haver um consenso em torno da necessidade de uma educação ambiental (...) ganha ênfase a importância da atuação dos meios de comunicação social dentro desses objetivos”.

Nesse sentido, Geraque (2004, p. 80) afirma que para que a mídia cumpra seu papel dentro do jornalismo ambiental é preciso mergulhar no assunto: “entrar na espiral de relações que a natureza oferece. Na teia de significações. Na história humana. No povo ribeirinho. Nos grandes empresários”.

Tendo em vista que a contextualização das notícias - destacada pelos autores abordados como atributo indispensável ao jornalismo especializado - é também uma característica a ser explorada no jornalismo realizado nas revistas, considera-se relevante identificar se esses veículos estão se apropriando dessa possibilidade de aprofundamento para abordar a temática ambiental. Esta análise é realizada no quinto capítulo deste estudo.

---

4

Lei federal 9.795/1999

### **3- O meio ambiente no centro do debate público**

Apesar de ser clara a relação de dependência dos seres humanos com a natureza e os bens que ela proporciona, a necessidade de se cuidar e proteger o meio ambiente nem sempre foi muito clara ao longo da história da humanidade.

A apropriação de bens naturais para o desenvolvimento das sociedades é uma constante na vida humana, no entanto, a Revolução Industrial marca o início de um período de intensificação do uso desses recursos oferecidos pela natureza (MARCOVTCH, 2006). À medida que novas tecnologias eram desenvolvidas, a capacidade do Homem de interferir nos processos naturais se ampliava.

Sem dúvida, as evoluções tecnológicas trouxeram conquistas e facilidades que permitiram um importante desenvolvimento das sociedades, porém, vale apontar que “todo esse cenário positivo causou impactos ambientais e teve um preço ainda hoje cobrado” (MARCOVITCH, 2006, p. 32). Tal como ressalta Marcovitch (2006), as bases que permitiram a construção da sociedade industrial foram os combustíveis fósseis e não renováveis, tal como gás, petróleo e carvão.

Naquele momento não havia a menor consciência de que a exploração desses recursos pudesse trazer conseqüências negativas. “Supunha-se então (ou simplesmente isso não foi sequer objeto de análise) que tais reservas eram infinitas e, quando utilizadas, não trariam quaisquer alterações climáticas e danos ambientais” (MARCOVITCH, 2006, p. 33).

Os primeiros impactos começaram a ser sentidos algum tempo depois, mas houve um longo caminho até o debate em torno da proteção do meio ambiente se firmar na agenda pública. Como aponta Lückman<sup>5</sup>, essa discussão começou a ser feita oficialmente com a realização da primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, na cidade de Estocolmo (Suécia), em 1972.

---

<sup>5</sup> Mídia e Aquecimento Global.

Estocolmo foi um marco do ambientalismo mundial, especialmente porque, pela primeira vez, a questão da conservação do meio ambiente foi encarada como uma questão política, e não uma questão meramente científica (MCCORMICK, 1992).

Na mídia, Presotti (2009) afirma que após a Conferência as questões ambientais começaram a aparecer mais, porém, logo depois houve uma diminuição na produção de matérias nesse sentido que só voltou a crescer em meados da década de 1980, com a descoberta no buraco da camada de ozônio.

Foi em 1985, na Convenção de Viena, com a presença de 20 países, que pela primeira vez levantou-se a urgência de um regime para defesa da camada de ozônio e que foram iniciadas ações multilaterais sobre a questão (MARCOVITCH, 2006).

Nesse período, percebe-se também a atribuição de maior importância ao ambientalismo na esfera política brasileira. Em 1985, foi criado o Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente e em 1989, o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Em 1988 foi promulgada a nova Constituição, a qual os ambientalistas consideram um marco em sua luta por garantir a toda a sociedade o direito fundamental ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. O Código de Águas, o Código Florestal e outros órgãos e agências governamentais de proteção ambiental também datam deste período (DRUMMOND, 1999).

Outro fato importante para a consolidação do ambientalismo é que em 1988, a Assembléia Geral da ONU inaugurou a discussão dos problemas climáticos em plenário. Na mesma época, a Organização Meteorológica Mundial e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente criaram o Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Clima (IPCC) com o intuito de que a questão fosse estudada em bases científicas rígidas (MARCOVITCH, 2006). Em 1990, o IPCC divulga seu primeiro relatório sobre o tema.

Vinte anos após a Conferência de Estocolmo, outro encontro trouxe a questão ambiental de volta à pauta. A “Eco-92”, ou Cúpula da Terra, realizada no Rio de Janeiro foi palco da criação da Convenção-Quadro das Nações Unidas para Mudanças Climáticas, que

dois anos mais tarde entrou em vigor e passou a exigir providências para mitigar a emissão de gases de efeito estufa<sup>6</sup>.

Depois da realização da “Eco-92”, há um aumento do número de pessoas e organizações envolvidas no movimento ambientalista, um crescimento da quantidade e o aprimoramento da qualidade das informações que circulam sobre o tema. Passa a haver também uma maior capacidade de pressão social e maior número de recursos mobilizados em prol da causa ambiental no Brasil (CRESPO, 2002).

Em 1995, aconteceu a primeira Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Meio Ambiente (COP-1), na Alemanha. Nesse encontro surgiu a ideia de um protocolo multilateral onde os países assumissem compromissos concretos em relação às mudanças climáticas, o que veio a se concretizar apenas na terceira edição da COP, em Quioto, no Japão. Nesta última reunião foram definidas as bases do acordo para reduzir as emissões de gases de efeito estufa pelos países desenvolvidos.

Desde 1995, com os encontros anuais e relatórios periódicos do IPCC, a questão foi ganhando amplitude mundialmente. Essa atenção pode ser explicada em parte pelas conseqüências cada vez mais aparentes da crise, mas também pela ampliação desse debate para além da esfera de discussão dos cientistas e ambientalistas. Houve um grande crescimento de matérias publicadas pela imprensa desde a “Eco-92”, quando mais de sete mil profissionais, entre jornalistas, fotógrafos e técnicos, cobriram o evento (PRESOTTI).

As mudanças climáticas tiveram um papel importante na ampliação do debate ambiental. De acordo com estudo da Union of Concerned Scientists<sup>7</sup> (*apud* MARCOVITCH, 2006), as mudanças no clima são reais e emergentes. O documento relata que, desde o início do século 20, a temperatura da superfície da Terra subiu cerca de 0,6°C. Nos últimos quarenta anos, a temperatura cresceu aproximadamente 0,3°C e ainda sete dos dez anos mais quentes no século 20 ocorreram na década de 1990. Segundo a Organização Meteorológica Mundial, a última década foi a mais quente da história e a temperatura da Terra ainda pode subir mais 3,5 graus centígrados provocando maior ocorrência de fenômenos extremos (MARCOVITCH, 2006).

---

<sup>6</sup> Principal causa do aquecimento global.

<sup>7</sup> Union of Concerned Scientists

Outro ponto importante sobre as mudanças climáticas foi a afirmação, com 90% de certeza, no último relatório do IPCC, divulgado em 2007, que a ação humana é a maior responsável pelo aquecimento global nos últimos 50 anos. Essa constatação levou à reflexão de que é necessária uma mudança de comportamento e contenção das emissões dos gases de efeito estufa.

Alguns exemplos apontados por cientistas desse aquecimento do planeta são o desaparecimento das montanhas glaciais, a elevação do nível do mar e ondas de frio no verão (MARCOVITCH, 2006). Tempestades, enchentes, secas, furacões e tsunamis tornaram-se mais freqüentes e segundo especialistas tendem a ser cada vez mais recorrentes.

Diante da gravidade dos dados científicos apresentados, autoridades internacionais se reuniram ao longo de 2009 para se preparar para a 15<sup>o</sup> COP sobre Mudanças Climáticas que acontece em dezembro deste ano em Copenhague, na Dinamarca. Neste encontro será definido um novo acordo global de clima para substituição do Protocolo de Quioto.

Organizações não governamentais ambientalistas estão trabalhando na divulgação do tema para pressionar autoridades e o tema tem estado presente na mídia constantemente. Com a emergência do debate sobre as mudanças climáticas, cuidar do planeta deixou de ser “apenas” preservar o meio ambiente para conservar as florestas e os animais, mas se tornou uma medida de sobrevivência da humanidade.

## 4- Jornalismo e meio ambiente

Como mencionado, o presente estudo tem como objetivo analisar a cobertura sobre questões ambientais na imprensa brasileira como forma de verificar o cumprimento da função do jornalismo de informante, vigia e instigador do debate público sobre o tema. Para tanto, foi realizada aqui uma análise da cobertura de três revistas nacionais semanais sobre as enchentes ocorridas em Santa Catarina com relação à abordagem de questões ambientais.

Nesse sentido, uma vez que o universo pesquisado neste estudo é restrito a três revistas em uma circunstância bastante específica, procurou-se abordar também outros estudos realizados sobre o tema. O intuito dessa apresentação é obter um panorama mais amplo sobre o jornalismo ambiental no Brasil. Vale ressaltar que nenhum dos estudos apresentados aqui abordou especificamente a cobertura em revistas (motivo pelo qual também se considerou relevante fazê-lo no presente estudo), atendo-se à análise de jornais diários.

O primeiro estudo a ser apresentado - *Os transgênicos na grande imprensa: uma análise de conteúdo*<sup>8</sup> - aborda a cobertura sobre o tema dos organismos geneticamente modificados, os “transgênicos”, em cinco jornais impressos do país e em dois jornais econômicos, durante o ano de 2004: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Correio Braziliense*, *Gazeta Mercantil* e *Valor Econômico*.

O segundo estudo abordado aqui é *Amazônia em crise: o avanço do desmatamento nos grandes jornais do Brasil* (PRESOTTI, 2009), que foca na cobertura do desmatamento na Amazônia realizada pelos jornais impressos de circulação nacional *Folha de S. Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo*. A pesquisa é realizada em três períodos: a divulgação dos dados de desmatamento pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) em 2005, 2007 e 2008.

A mais ampla e última pesquisa apresentada, “*Mudanças Climáticas na imprensa brasileira*”<sup>9</sup>, foi realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e

---

<sup>8</sup> (MOTTA, DRUMMOND, QUEIROZ, NASCIMENTO, 2006)

<sup>9</sup> Disponível na página web da ANDI: [www.mudancasclimaticas.andi.org.br](http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br)

consiste em uma análise comparativa de 50 jornais do Brasil em dois períodos: de julho de 2005 a junho de 2007, e de julho de 2007 a dezembro de 2008.

#### **a) Os transgênicos**

Em *Os transgênicos na grande imprensa: uma análise de conteúdo*, os autores buscaram identificar o “perfil quantitativo, as principais tendências e prováveis implicações qualitativas da cobertura sobre organismos geneticamente modificados e sua regulamentação levada a cabo pelos jornais analisados” (p. 14). Para tanto os pesquisadores analisaram os exemplares dos jornais publicados em 84 dias do ano de 2004 (os dias foram escolhidos pela técnica de amostragem denominada “semana composta”). Foram avaliados os conteúdos de 244 reportagens, artigos, editoriais e colunas que continham as palavras-chave definidas (transgênico (s), transgenia, organismo geneticamente modificado, alimento geneticamente modificado e lei de biossegurança). O conteúdo foi analisado com base nos seguintes critérios: foco central, principal enquadramento institucional do foco, principal enquadramento temático do foco, questões transversais, qualidade do contexto da questão e questões jornalísticas (fontes, tratamento, tipo de texto).

As conclusões do estudo, segundo os autores, são dramáticas: “indicam uma cobertura pouco qualificada, restrita a interesses econômicos, pouco diversificada e nada pluralista” (p. 34). De acordo com os autores, houve pouca explicação conceitual sobre o que são os organismos geneticamente modificados, uma questão considerada extremamente necessária pelos autores. Além disso, apenas 5% das notícias contextualizaram o tema.

Outro aspecto considerado negativo pelos autores foi que 52,6% das fontes consultadas eram oficiais, e menos de 5% das matérias citaram ações e opiniões da sociedade civil, prejudicando o entendimento completo da temática.

Segundo os autores, a cobertura privilegiou a divulgação dos interesses de grandes grupos econômicos envolvidos na liberação do cultivo e comercialização dos alimentos geneticamente modificados fazendo significativamente mais menções aos aspectos positivos do que aos negativos. De acordo com o estudo, 43,9% das matérias não apresentaram posicionamento nenhum sobre o tema; 29,9% dos textos abordaram apenas posições favoráveis aos organismos geneticamente modificados e em apenas 3,3% foi realizada uma cobertura considerada ideal pelos autores: com pontos a favor e contra na mesma proporção.

Na conclusão do estudo, os autores apontam que o resultado dessa e de outras pesquisas sobre a cobertura de políticas públicas levantam suspeitas sobre o cumprimento pela mídia de seu dever público: “o resultado das pesquisas sobre a cobertura de políticas públicas tem gerado desconfiança em relação ao papel público da mídia. Desconfiança em relação à sua excessiva dependência comercial, concessão excessiva à lógica do entretenimento e do espetáculo, em que prevalecem a superficialidade e a banalização decorrentes da prensa nos processos produtivos dos bens simbólicos” (p. 36).

### **b) o desmatamento na Amazônia**

O estudo de Presotti (2009) analisou o espaço que o tema do desmatamento da Amazônia ocupou nos jornais durante três momentos: a divulgação do índice de desmatamento da Amazônia Legal em 2005, 2007 e 2008, em um período de três semanas de cada ano. Além da avaliação, a autora também mostrou as diferenças das coberturas entre os três períodos estudados e identificou cinco aspectos da cobertura realizada: “1) as fontes de informação consultadas; 2) os atores citados; 3) os assuntos mais abordados; 4) os principais focos das notícias; e 5) as causas do aumento ou queda do desmatamento apontadas pelas fontes e atores nos meios de comunicação pesquisados” (p. 45). Ao todo, foram analisadas 206 matérias publicadas.

De acordo com o estudo houve um aumento significativo de matérias publicadas sobre o tema no ano de 2008, o que demonstra que a mídia passou a dar maior atenção ao tema com o passar do tempo. No entanto, a autora aponta que grande parte das matérias não focava exatamente a questão do desmatamento e sua contextualização, mas polêmicas em torno da veracidade dos dados apresentados pelo INPE.

Presotti (2009) afirma que o desmatamento na Amazônia não é um tema recorrente nos jornais e ressalta que uma semana antes da divulgação das taxas (nos três anos), quase não havia matérias sobre o assunto, e as que mencionavam o tema, não focavam especificamente nele.

Um ponto positivo demonstrado pelo estudo é que em 2008 houve um aumento significativo na consulta a fontes em geral, contabilizando 60% do total da amostra. No entanto, 45% das fontes consultadas nas matérias eram do governo. Sobre esse ponto, a autora

afirma: “é importante considerar que a mídia não tem o hábito de ouvir as comunidades locais, ou porque isso é mais complicado, principalmente pelo difícil acesso, ou porque os governantes estão mais disponíveis. De uma forma ou de outra, a imprensa tem apresentado um comodismo frequente e pouca criatividade nas coberturas no que diz respeito às fontes de informação, consultando sempre os mesmos atores do governo” (PRESOTTI, 2009, p. 60).

Segundo a autora, essa consulta prioritária a fontes do governo acabou por influenciar a cobertura do tema, uma vez que o governo geralmente se aproveita de conflitos e ações políticas para se promover. Além disso, a consulta prioritária ao governo limita uma abordagem da complexidade de fatores (tais como as unidades de conservação, mudanças climáticas, biocombustíveis e desenvolvimento sustentável) e de atores (populações indígenas, ribeirinhos e agricultores familiares) envolvidos no tema.

Outro resultado da pesquisa é que apenas 3% das matérias mencionaram ou fizeram relação entre o desmatamento e o aquecimento global, o que demonstra uma falta de contextualização da temática, uma vez que a maior parte da contribuição do Brasil para as mudanças climáticas advém do desmatamento. “A carência de relações com temas como o aquecimento global faz com que o leitor não compreenda o real significado de assuntos relevantes e de suas implicações futuras em escala local e até mesmo global” (p. 72).

Uma das conclusões do estudo é que ao menos três aspectos significativos comprometem a qualidade da cobertura jornalística sobre o desmatamento na Amazônia: “1) a falta de um acompanhamento regular da evolução do contexto socioambiental na região; 2) a participação inexpressiva de fontes e atores de comunidades locais; e 3) a carência de conexões entre temas intrínsecos e relevantes ao debate” (p. 71).

Com base em entrevistas realizadas, Presotti (2009) apresenta a percepção de jornalistas e especialistas na área ambiental sobre a cobertura de meio ambiente feita pela imprensa brasileira. Tanto os jornalistas como os especialistas apontaram uma evolução na cobertura, tanto quantitativamente como qualitativamente, com melhor apuração. No entanto, os entrevistados indicaram a necessidade de melhorias na contextualização e regularidade. Os jornalistas ressaltaram que a falta de recursos financeiros dos jornais para deslocamento da equipe e a falta de interesse e de conhecimento específico dos jornalistas sobre o tema são alguns aspectos que influenciam negativamente o trabalho.

Alguns dos depoimentos colhidos pela autora:

**André Trigueiro - Repórter das Organizações Globo e editor-chefe do programa semanal "Cidades e Soluções", exibido na *Globo News*, sobre a cobertura do tema:**

Mudou no prestígio que os assuntos ambientais passam a ter, fora e dentro da redação. [...] O que era motivo aqui da coisa do “rótulo do verde”, do xiita, do eco-chato, mudou a percepção de que aquilo ali é um assunto que sustenta a civilização do terceiro milênio, é um assunto que diz respeito à qualidade de vida, onde você estiver, na cidade, no campo, onde você estiver existem problemas sistêmicos, globais, e a gente precisa compreender essa realidade no fato jornalístico. É um processo em andamento, é melhor do que já foi. (p. 74)

**Luciana Constantino, editora de Ciência do *O Estado de S. Paulo***

[...] obrigatoriamente, toda semana, acaba tendo matéria, quase que diariamente; se não diariamente, a cada... Dia sim, pulando dois ou três, no máximo. Aí, não só de Amazônia, mas de ambiente como um todo. [...] é um tema que interessa ao jornal e que tem peso aqui dentro. Acho que também é um pouco dos próprios profissionais, os próprios jornalistas têm mais atenção, têm se especializado nisso e têm se interessado e a editoria foi criada para isso, para dar espaço e atenção para este tipo de tema. (p. 77)

**Paulo Moutinho, coordenador do programa de mudanças climáticas do Ipam:**

A mídia escolhe uma meia dúzia de dez [especialistas] que vão ser sempre consultados. Eu sei disso porque os jornalistas ligam aqui eu fico dizendo: “Por que vocês não conversam com aquele sujeito?” Por exemplo, a mídia escuta muito pouco a população local, escuta muito pouco os povos da floresta, índios e seringueiros. (p. 83)

**Claudio Angelo, jornalista e editor de Ciência e Tecnologia da *Folha de S. Paulo***

[...] o olhar da política sobre o assunto é muito focado no tititi, na picuinha política do momento. Agora a coisa estrutural que subjaz a cobertura, quer dizer, porque eles estão brigando e qual vai ser o resultado dessa... Quer dizer, o quê que a briga entre os ministros... O que acontece com quem ganhar ou perder a briga, que é, enfim, o

assunto que estamos discutindo, na verdade, mas isso não é pauta deles. Então o negócio se perde. (p. 84)

### **Claudio Angelo, sobre a falta de recursos financeiros:**

Eu acho que a gente tinha que ir, mas... Quer ver um exemplo concreto? Aconteceu comigo. Ia ter o Encontro dos Povos Indígenas do Xingu em Altamira, a mesma cidade onde, em 1988-89, a índia encostou o facão na cara do presidente da Eletronorte. Aí eu passei duas semanas avisando: a gente precisa ir a Altamira, a gente precisa ir, vai discutir Belo Monte, aí vai ter problema. Os kaiapós não estão gostando dessa história, vai ter problema. Eles ignoraram. Aí pediram o orçamento. O orçamento foi sete mil reais para ir a Altamira. Vetaram meu orçamento. A *Folha de S. Paulo* não foi para Altamira. O que aconteceu? Deu merda. A índia passou o facão no braço. E humilhação suprema: a matéria da *Folha de S. Paulo* foi feita por telefone, com o correspondente de Belém e com parte de agência internacional. (p. 92)

### **c) As mudanças climáticas na mídia**

O estudo *Mudanças Climáticas na imprensa brasileira* realizado pela ANDI (2009) aponta que o tema das mudanças climáticas se firmou como pauta na agenda do jornalismo brasileiro. Apesar de uma maior incidência de notícias no período entre agosto de 2006 e junho de 2007 - devido à divulgação de estudos importantes sobre o impacto das mudanças climáticas e à mobilização da comunidade internacional - e uma queda durante o ano de 2008, a ANDI indica uma consolidação do tema nos jornais diários.

De acordo com a pesquisa, houve avanços também na qualidade da abordagem do tema pelos jornais. Entre os avanços, a ANDI afirma que “merece destaque, também, a adoção recente de uma linha editorial menos sensacionalista e mais comprometida com o debate em torno das soluções” (p. 61). Os indicadores desta constatação são o crescimento da abordagem de proposição de soluções (51,1% das matérias analisadas entre 2007 e 2008, se referiam a estratégias de mitigação) e o crescimento das matérias com foco principal nas medidas de enfrentamento das mudanças climáticas (7,3% entre 2005 e 2007 e 26,8% entre 2007 e 2008).

Outro aspecto positivo foi a utilização de dados estatísticos (em 1/3 das matérias) e exposição da gravidade das alterações climáticas (em 49,5% dos textos analisados). A apresentação da ação humana como um dos principais fatores das causas das mudanças climáticas também cresceu: no período de 2005 a 2007, a taxa era de 59,45% e no segundo período, esse índice cresceu para 63,9%. A redução do número de matérias onde não há consulta a fontes de 24,9% para 14,0%, no período de 2007 a 2008, é outra evolução destacada pelo estudo.

Outra constatação destacada como positiva pela ANDI foi a crescente abordagem de aspectos nacionais nas matérias sobre mudanças climáticas em detrimento de uma cobertura internacional sobre o tema. De acordo com o estudo, no período de 2007 a 2008, 72,3% das reportagens fizeram referência a contextos brasileiros. Esse aspecto é considerado importante pela ANDI por “estabelecer elos entre um fenômeno de caráter tão abrangente com a vida cotidiana do público que acessa as informações oferecidas por tais diários” (p. 61).

Apesar dessas melhoras, o estudo explicita diversos aspectos que precisam ser melhorados na cobertura das mudanças climáticas. Um deles é que essa cobertura está concentrada principalmente nos jornais de circulação nacional – *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Correio Braziliense*, *Valor Econômico* e *Gazeta Mercantil* – os quais foram responsáveis por 37% do total das notícias publicadas e que apresentaram uma média de uma notícia publicada sobre o tema a cada 2,2 dias. Os outros jornais apresentaram a média de uma matéria a cada nove dias durante o período.

Outro ponto negativo identificado pelo estudo é a dificuldade por parte da maior parte dos jornais em explicar e apresentar o conceito de Mudanças Climáticas: a média de conceituação durante todo o período foi de apenas 1,4% das matérias.

O relacionamento das conseqüências do fenômeno majoritariamente a apenas aspectos ambientais é outro fator que deve ser melhorado. Apesar de ter havido uma evolução entre o primeiro e o segundo período analisados na apresentação de aspectos econômicos e de segurança entre os indícios apontados, 56,5% das matérias continuam restringindo a discussão à área ambiental.

Para ANDI, as limitações destacadas no estudo devem ser encaradas como desafios a serem vencidos em busca de uma qualificação do debate sobre Mudanças Climáticas, por meio do agendamento do debate público feito pela mídia.

## **5- Estudo: o meio ambiente nas revistas**

### **5.1. Objeto de estudo e metodologia**

O presente estudo das coberturas das enchentes em Santa Catarina, em novembro de 2008, realizadas por três revistas de grande circulação nacional tem como intuito identificar se foram estabelecidas, nas reportagens realizadas na ocasião, relações evidentes entre a questão ambiental e a calamidade das chuvas ocorridas. A análise faz parte de um objetivo mais amplo que é verificar se a imprensa brasileira, especificamente as revistas em questão, tem cumprido seu dever público de informar e agendar entre a sociedade e tomadores de decisão o debate ambiental.

A escolha desse objeto se deu pelo fato de que as chuvas no estado são um exemplo recente e catastrófico de um fenômeno climático extremo (e suas consequências) que foi amplamente abordado pela imprensa brasileira. Tanto jornais impressos, como televisão, rádios e revistas fizeram diversas reportagens sobre o fato.

Considerando que grande parte do problema que afetou milhares de pessoas foi ampliado pela falta de atenção ao tema ambiental ao longo da história - refletido por ações como o desmatamento, a ocupação desordenada de encostas de morros, a não preservação de matas ciliares, o lixo jogado nas ruas das cidades, etc. – seria de extrema importância que a imprensa brasileira, cumprindo seu dever social, abordasse esses aspectos nas reportagens.

Como mencionado, o universo analisado foram as revistas semanais de caráter informativo-geral, *Veja*, *Época* e *Isto É*. Essa escolha foi feita com base na constatação de que nas revistas a possibilidade de contextualização dos fatos é consideravelmente maior do que em jornais diários, rádio, televisão e internet, e, portanto, acredita-se que esses veículos seriam os mais adequados para contextualizar a notícia e abordar a relação entre as chuvas e o tema ambiental.

A seleção específica dessas três revistas ocorreu por serem as três revistas nacionais semanais com maior tiragem no país. De acordo com dados da Associação Nacional dos Editores de Revista (ANER), a revista *Veja*, da Editora Abril, é a campeã nacional em

tiragem<sup>10</sup> com uma média de circulação no ano de 2008 de 1.089.902 exemplares. A *Veja* atinge um público de 28,65% dos leitores de revistas. Em segundo lugar nesse *ranking* está a revista *Época*, da Editora Globo, com uma média de 420.477 exemplares no mesmo período e com 11,05% de participação no mercado. Com a terceira tiragem mais expressiva do Brasil, a *Isto É* teve uma média de circulação de 353.136 exemplares em 2008 e atingiu 9,28% dos leitores deste tipo de veículo.

Os materiais selecionados para análise foram as duas edições de cada uma das revistas publicados nas duas semanas após as enchentes, em dezembro de 2008. O motivo da escolha desse universo foi analisar as reportagens logo após o fato e também uma semana mais tarde, quando o factual não seria mais tão urgente e haveria uma possibilidade de aprofundamento ainda maior do tema.

O método utilizado para classificação das revistas foi de análise de conteúdo, com o intuito de identificar quantitativamente e qualitativamente a relação feita pela mídia entre o meio ambiente e as enchentes em Santa Catarina, por meio da avaliação de cinco aspectos das reportagens: 1) o foco da matéria, ou seja, o principal assunto discutido na reportagem 2) a menção às causas das enchentes 3) menção ou relação do problema com o tema ambiental, 3) as fontes de informação consultadas, entre autoridades, especialistas e vítimas, e 5) a proposição de soluções.

Além das reportagens de capa sobre o fenômeno em Santa Catarina, avaliou-se também se a revista abordou o tema ambiental em outras reportagens, qual o foco dessas reportagens e se há uma editoria de meio ambiente na revista.

Considera-se importante destacar que o conteúdo dessa análise não pode ser generalizado para a cobertura total realizada pelos veículos no tema ambiental, uma vez que o universo analisado se restringe a apenas a duas edições de cada uma das três revistas.

---

<sup>10</sup> Dados do IBOPE, 2009, divulgados na página web da ANER

## 5.2. As revistas

### a) Revista *Veja*:

A primeira edição da revista *Veja* foi publicada em 11 de setembro de 1968<sup>11</sup> pela Editora Abril. Liderada pelos jornalistas Mino Carta e Victor Civita, a revista logo ficou conhecida nacionalmente como referência em jornalismo político. É uma revista considerada de caráter informativo geral, que aborda temas da realidade brasileira, tais como política, economia, sociedade, cultura etc.

Com sede localizada em São Paulo, a revista possui sucursais em Belém, Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. No ano de 2008, a tiragem média da revista foi de aproximadamente um milhão de exemplares. O público leitor é bastante equilibrado com relação ao gênero, 62% dos leitores têm mais de 25 anos de idade e 72 % dos leitores pertencem às classes A e B.

Revista	SEXO		CLASSE SOCIAL			IDADE(em anos)				
	M	F	A	B	C	10 a 19	20 a 24	25 a 39	40 a 49	+ de 50
Veja	45	55	30	42	24	16	23	20	20	22

Fonte: Site editora Abril [http://publicidade.abril.com.br/geral\\_circulacao\\_revista.php](http://publicidade.abril.com.br/geral_circulacao_revista.php)

### b) Revista *Época*

A mais recente das três revistas abordadas, a *Época* teve sua primeira edição publicada em 25 de maio de 1998<sup>12</sup>, pela Editora Globo. Com um grupo de 110 jornalistas, a tiragem inicial da revista era de 300 mil exemplares. A redação da revista é sediada em São Paulo, com sucursais no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Quando lançada, a expectativa era que a revista, dirigida pelo jornalista José Roberto Nassar, concorresse com as já existentes *Veja* e *Isto É* e no primeiro ano conseguisse ocupar o segundo lugar entre as mais vendidas. A *Época* foi inspirada na revista alemã Focus e nasceu com quatro editorias: Brasil, Negócios, Internacional e Sociedade. De acordo com dados de

<sup>11</sup> Informação retirada do site da revista *Veja* – acervo digital. Acessado em 28/10/2009. <http://www.veja.com.br/acervodigital/>

<sup>12</sup> As informações sobre a revista *Época* foram cedidas pelo Centro de documentação (Cedoc) da Editora Globo.

pesquisa realizada no fim da década de 1990, 73% dos leitores da revista eram de classe A ou B e 61% tinham idade entre 20 e 49 anos.

**c) Revista *Isto É*:**

A revista *Isto É* foi criada pelo ex-diretor e criador da revista *Veja*, o jornalista Mino Carta em 1976. Publicada atualmente pela Editora Três, é a terceira maior revista do país. De acordo com o texto de apresentação da revista disponível na página online da editora<sup>13</sup>, “a revista caracteriza-se por uma linha editorial independente, jamais atrelada a grupos políticos ou econômicos. *Isto É* privilegia a reportagem e faz uma abordagem dos fatos que procura remeter o leitor além da notícia. Em decorrência disso, a revista vem ao longo dos anos colecionando uma sucessão de furos nas mais diversas editorias”.

O perfil do leitor da revista<sup>14</sup> é de formadores de opinião, equilibrada em relação ao gênero, 67% são de classes A e B e 66% pertencem à faixa etária de 20 a 49 anos. Com relação à distribuição geográfica, 62% dos leitores estão localizados na região Sudeste, 15% no Sul do país, 13% no Nordeste, 7% no Centro-oeste e 4% no Norte.

### **5.3. Resultados e discussão**

Neste estudo, foram analisadas duas edições de cada uma das revistas *Veja*, *Época* e *Isto É*, publicadas em dezembro de 2008, nas duas semanas após a ocorrência das enchentes no estado de Santa Catarina, no sul do país. Avaliou-se com base nos critérios destacados anteriormente as reportagens realizadas pelos veículos sobre as enchentes e analisou-se quantitativamente a abordagem de assuntos relacionados ao tema ambiental ao longo dos exemplares completos das revistas.

Por se tratar de um universo de análise relativamente pequeno, a apresentação do resultado da análise será feita separadamente por revista. Após essa exposição, considera-se relevante debater o produto da pesquisa como um todo fazendo uma comparação entre as coberturas realizadas nas diferentes revistas.

---

<sup>13</sup>

[http://editora3.terra.com.br/publicidade\\_portugues/istoe/circulacao.htm](http://editora3.terra.com.br/publicidade_portugues/istoe/circulacao.htm)

<sup>14</sup>

Fonte: Ipsos Marplan 9 Mercados Abril/2007 – Março/2008 in <http://editora3.terra.com.br/>

## **a) Revista *Veja***

As enchentes nas cidades de Santa Catarina em decorrência das fortes chuvas ocorridas no estado, em novembro de 2008, foram tema da capa da edição da revista *Veja* na semana de 3 de dezembro de 2008. A capa da revista exibia a foto de uma menina com a retranca “Tragédia em Santa Catarina”, a manchete “A primeira vítima” e o subtítulo “Luana Eger, 3 anos, foi a primeira dos mais de 100 mortos do dilúvio que desabrigou quase 800.000 e impactou 1,5 milhão de pessoas em um dos estados mais ricos do Brasil”.

A reportagem da capa foi publicada na editoria “Especial”, com o título: “O horror diante dos olhos: as causas, o desespero e os prejuízos do dilúvio que atingiu o coração de Santa Catarina, um dos estados mais prósperos e desenvolvidos do Brasil”. No total foram 14 páginas dedicadas à reportagem, sendo que dez páginas eram de fotos e duas páginas de infográficos e boxes.

### **1) o foco da matéria:**

Após cinco páginas de fotos, a reportagem de capa “O horror diante dos olhos” começa com dados sobre o volume das chuvas que atingiu o estado, dados sobre as consequências das chuvas (número de mortos, desabrigados, número de deslizamentos, número de municípios atingidos), e explica a causa das enchentes e desabamentos. É feita comparação entre os estragos desta enchente e de enchentes passadas acontecidas no estado. Aborda também a experiência de vítimas e os prejuízos econômicos. Não aborda questões ambientais.

### **2) menção às causas das enchentes:**

A reportagem apresenta explicação sobre a causa das enchentes, que atribui a fatores meteorológicos e fatores geográficos. Sobre os fatores meteorológicos, *Veja* menciona que a coincidência de dois fenômenos, um anticiclone e um vorticlone, causou as fortes chuvas. Com relação aos aspectos geográficos, a revista aponta a composição argilosa do solo somada ao desmatamento, a ocupação desordenada e a alta declividade do terreno, como causas dos “violentos deslizamentos”.

A revista dedica uma página e meia da reportagem à explicação dessa causa em infográficos com desenhos, mapas e tabela com dados. Há também uma explicação do motivo dos impactos das chuvas terem sido piores no Vale do Itajaí. Em infográfico, explica-se que nesta localidade a subida da maré impediu a passagem do rio para o mar que transbordou fazendo com que a cidade ficasse alagada. Ademais, afirma-se na reportagem que independentemente de ter havido ou não incompetência das autoridades, a tragédia foi acima de tudo causada pelos fatores geográficos.

### 3) **menção ou relação do problema com o tema ambiental:**

A única menção ao tema ambiental foi feita quando a revista abordou os fatores geográficos como causa dos impactos das chuvas e destacou o desmatamento como um dos aspectos que contribuíram para a grande quantidade de mortos.

### 4) **fontes de informação consultadas:**

**Vítimas:** Evandro Eger; André Oliveira; Zairo Zabel e Kevin.

**Autoridades:** Defesa Civil de Santa Catarina e Presidente Lula.

**Associações/Sindicatos/Federações:** Sindicato de Industria e Pesca de Itajaí; Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc); Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau (Sintex); Companhia estatal de gás de Santa Catarina (SCGás)

**Especialistas:** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Serviço Geológico do Brasil (CPRM); Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC); Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe); Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP); e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

**Especialistas em meio ambiente:** Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia de Santa Catarina (Ciram/Epagri)

<b>Fontes Consultadas</b>	<b>Quantidade</b>
Vítimas	4
Autoridades	2
Associações/Sindicatos/Federações	4
Especialistas	6
Especialistas em meio ambiente	1

**5) a proposição de soluções:**

Não há proposição de soluções.

**6) outras sessões da revista destinadas a cobertura das enchentes:**

A “Carta ao leitor”, que é o editorial da revista *Veja*, aborda o tema das enchentes em Santa Catarina. Com o título “Trate-se dos vivos”, o texto discorre sobre tendência do Homem de dominar a natureza e aponta que eventos como secas e enchentes lembram a ele (Homem) sobre sua insignificância. O editorial afirma que “o progresso tecnológico nos elevou à condição de espécie dominante no planeta e boa parte da humanidade passou a dispor de um cotidiano menos exposto às catástrofes naturais. Esquecemos que vivemos à beira de rios que podem transbordar, de montanhas que podem deslizar sobre o nosso teto, de solos que podem tremer e fender-se, arrasando cidades inteiras. Esquecemos não só por arrogância, mas também por um saudável bloqueio psicológico que nos permite, afinal de contas, viver, trabalhar e frutificar, sem ser atormentados dia após dia pela constatação de nossa fragilidade”.

**7) há uma editoria de meio ambiente na revista? Não**

**8) há menções sobre meio ambiente em outras matérias na revista? Não**

**9) revista da semana seguinte:**

Na edição da revista publicada em 10/12/2008, há uma nota sobre uma matéria disponível na página online da revista que aborda o surgimento de doenças em consequência das enchentes.

Na mesma edição, há uma entrevista com o ministro de Meio Ambiente, Carlos Minc, na seção “páginas amarelas”. A entrevista não aborda a tragédia e apenas superficialmente aborda temas ambientais. As perguntas direcionadas ao ministro sobre meio ambiente são sobre a polêmica em torno das licenças ambientais concedidas por ele e sobre algumas operações do Ibama. O resto da entrevista é dedicado a temas pessoais, tais como: se ele se acha bonito, se já usou drogas, se é “midiático”, porque usa coletes e algumas questões sobre o relacionamento com a ministra da Casa Civil, Dilma Roussef.

A coluna da escritora Lya Luft também aborda a questão das enchentes, porém ressaltando a solidariedade do povo brasileiro, que é também tema de uma reportagem de três páginas nesta edição.

A reportagem “A Hora da Solidariedade” (três páginas) foca nos voluntários que socorreram os desabrigados e aponta a necessidade das autoridades liberarem o dinheiro oficial para obras. No entanto, não menciona ações do governo para prevenir outras enchentes.

## **b) Revista *Época***

A revista *Época*, assim como a *Veja*, deu destaque à cobertura das enchentes. O tema foi capa da edição de 3 de dezembro de 2008, com a imagem de uma cidade alagada e a manchete: “É possível evitar tragédias como esta?”. O subtítulo da reportagem foi: “uma investigação sobre as causas das enchentes em Santa Catarina e suas lições para o Brasil”.

### **1) o foco da matéria:**

A matéria começa com a exposição de histórias trágicas das vítimas. Além de focar bastante nas histórias das vítimas, a reportagem aborda em espaço amplo as causas, a proposição de soluções e os orçamentos de políticas públicas para prevenção da tragédia. Há também uma contextualização histórica com dados de outras enchentes e dados sobre as consequências da tragédia (sociais e econômicas). Nas causas e proposição de soluções, há destaque para questões ambientais.

### **2) a menção às causas das enchentes:**

Sob o subtítulo “Por que choveu tanto em Santa Catarina”, a reportagem explica que “o volume recorde de chuvas” foi consequência da combinação de três fenômenos meteorológicos: vento, evaporação da água e nuvens de chuva. Além disso, a reportagem aponta que esses três fenômenos são naturais e já aconteceram outras vezes, portanto, conclui que “é pouco provável que sejam resultado do aquecimento global”.

No próprio corpo da reportagem são citados outros fatores que contribuíram com as causas dos grandes impactos das chuvas sobre a população: 1) não preservação das cabeceiras dos rios, 2) a ocupação dos morros, 3) o escoamento dos rios, 4) falta de monitoramento das populações de risco. Esses mesmos fatores foram apontados como medidas a serem tomadas para evitar que a catástrofe se repita e são apontados neste estudo também como proposição de soluções pela reportagem.

### **3) menção ou relação do problema com o tema ambiental:**

Mesmo que para refutar a hipótese de que as chuvas seriam consequência das mudanças climáticas, como mencionado acima, considera-se que há menção ao tema ambiental.

Mais à frente, na proposição de soluções, outras questões ambientais são levantadas. É apontada a necessidade de: 1) se preservar as cabeceiras dos rios – nesse item são abordados estudos que demonstram a eficácia dessa preservação para a firmeza do solo, e a reportagem faz uma relação entre a não preservação das cabeceiras com o fato de o estado de Santa Catarina ser o campeão em desmatamento da Mata Atlântica; 2) regularização da ocupação dos morros, que é uma questão de governança ambiental – nesse item, a reportagem menciona que as obras nos morros foram construídas em áreas de proteção ambiental permanente (APP) e que contribuíram para o desmatamento.

### **4) as fontes de informação consultadas, entre autoridades, especialistas e vítimas:**

**Vítimas:** Juliano Schwamach; Marcos Rincos; José Day; Inelda Grah; Nara Grah.

**Autoridades:** a Defesa Civil; João de Deus, diretor do Departamento de Áreas Protegidas do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

**Associações/Sindicatos/Federações:** Federação das Indústrias de Santa Catarina.

**Especialistas:** Maria Lúcia Herrmann, coordenadora do Grupo de Estudos de Desastres Naturais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe); site Contas Abertas (ONG); Dickran Berian, professor da Universidade de Brasília; Cláudio Vinícius Leite, diretor-presidente da Cia. Urbanizadora de Belo Horizonte; Pedro S. Dias; Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC).

**Especialistas em meio ambiente:** Márcia Hirota, bióloga da fundação SOS Mata Atlântica (ONG); Mirian Prochnow, da Associação de Preservação do Meio Ambiente e da

Vida (Apremavi – ONG).

**Outras:** Humberto Collaço, voluntário.

<b>Fontes Consultadas</b>	<b>Quantidade</b>
Vítimas	5
Autoridades	2
Associações/Sindicatos/Federações	1
Especialistas	6
Especialistas em meio ambiente	2
Outras	1

### **5) a proposição de soluções:**

Na proposição de soluções, tal como mencionado antes, a reportagem aponta a necessidade de: 1) se preservar as cabeceiras dos rios, 2) regular a ocupação dos morros, 3) aumentar escoamento dos rios, 4) monitorar as populações de risco, ou seja, que moram nas encostas. Considera-se interessante aqui apontar que cada um dos itens foi contextualizado com experiências de outras cidades, pesquisas sobre os temas, pesquisa de orçamentos gastos pelo estado de Santa Catarina, União e outros estados.

### **6) outras sessões da revista sobre as enchentes, qual o foco:**

A Carta do diretor de redação da revista, Helio Gurovitz, foi sobre as enchentes. Com o título, “Uma tragédia que comoveu o país”, o texto focou a dimensão da tragédia, a solidariedade, o que deveria ser feito para evitar e a reportagem em si.

**7) há uma editoria de meio ambiente na revista? Não.**

**8) há menções sobre meio ambiente em outras matérias na revista? Sim.**

Na sessão “Fala, Brasil”, há uma nota sobre o desmatamento e a pecuária na Amazônia. Na sessão “Fala, Mundo”, há uma nota sobre o risco de morte que os gorilas correm nas reservas florestais do Congo. Há também uma resenha do livro *Amazônia, 20º Andar*, que conta a história de dois empresários que fundaram o “EcoMercado” com o intuito de proteger as florestas.

**9) revista da semana seguinte:**

Na edição da revista *Época* de 10 de dezembro de 2008, há uma reportagem sobre as enchentes de Santa Catarina. O título da matéria é “A dura volta para casa” e foca na vida dos sobreviventes da tragédia em meio aos destroços e doenças. Não há notas ou reportagens sobre meio ambiente.

### **c) revista *Isto É***

A revista *Isto É* também dedicou às enchentes de Santa Catarina a reportagem de capa. A foto da capa da revista é uma família resgatada em um helicóptero com destaque para uma mulher chorando. A manchete é “Perdi família, casa e emprego - Tragédia no Sul”. No total são dedicadas dez páginas à reportagem, sendo cinco páginas e meia de fotos, uma página e meia de infográficos e três páginas de texto.

#### **1) o foco da matéria:**

O título da reportagem sobre as enchentes é “Chuva, Lama e Dor”, com a retranscrição “Tragédia em Santa Catarina” e subtítulo “As dramáticas histórias de quem perdeu tudo e sobreviveu ao maior desastre natural de Santa Catarina”. A reportagem dá ênfase à história das vítimas. Há bastante dados sobre as consequências das enchentes (água, luz, desabrigados, desalojados, desaparecidos e mortos, comparação com Katrina), é feito um levantamento sobre os prejuízos econômicos e um resgate histórico de outras enchentes no estado. As causas das enchentes são apontadas, mas a questão ambiental não é mencionada.

#### **2) a menção às causas das enchentes:**

Na reportagem, um conjunto de problemas é apontado como causa das enchentes: a geografia desfavorável (litoral muito próximo da serra) e o solo muito poroso. Além disso, menciona-se o aumento populacional em Blumenau e a ocupação das encostas.

Em outra matéria sobre as enchentes, “Brasil: A Tragédia Anunciada”, de uma página, há foco maior na menção às causas. São apontadas as condições climáticas atípicas, crescimento desordenado, falta de saneamento adequado e o mau hábito dos cidadãos de jogar lixo nas ruas.

#### **3) menção ou relação do problema com o tema ambiental:**

Como mencionado, na matéria menor é abordada entre as causas das enchentes, a falta de saneamento adequado e o mau hábito dos cidadãos de jogar lixo nas ruas

**4) as fontes de informação consultadas, entre autoridades, especialistas e vítimas:**

**Vítimas:** Francisco Mendonça; Jonathan Neuberger; Egon Stevens; Emerson Silva; Hociñilde Laguna; Loreco Schemes; Josely Rosa; Teresinha Floriano; Adriana Day.

**Autoridades:** Secretaria de Turismo do estado de Santa Catarina; Presidente Lula; governador Luiz Henrique; Defesa Civil de Santa Catarina; Ronaldo Malheiros, Defesa Civil de São Paulo.

**Associações/Sindicatos/Federações:** Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc)

**Especialistas:** Suely Petry, do Arquivo Público de Blumenau;

**Especialistas em meio ambiente:** 0

<b>Fontes Consultadas</b>	<b>Quantidade</b>
Vítimas	9
Autoridades	5
Associações/Sindicatos/Federações	1
Especialistas	1
Especialistas em meio ambiente	0

**5) a proposição de soluções:**

A reportagem afirma que “políticas públicas eficientes e conscientização da população podem evitar o caos” e ainda aponta que é preciso planejamento e eficiência para conter as ações destruidoras das chuvas.

**6) outras sessões da revista sobre as enchentes, qual o foco:**

Logo após a reportagem de capa, há a matéria já mencionada “Brasil: A Tragédia Anunciada”. O foco da matéria é apontamento de causas, responsabilização de autoridades e proposição de soluções.

Na página 51, o colunista Leonardo Attuch faz uma relação entre as fortes chuvas e o aquecimento global. Menciona que o Brasil é responsável e vítima das mudanças climáticas, aborda o desmatamento na Amazônia e a pecuária, fala da omissão do governo brasileiro em

relação às mudanças climáticas com a priorização do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) e pede que o Brasil assuma suas responsabilidades na questão ambiental.

Na coluna “Última Palavra”, assinada por Marcos Sá Corrêa, é feita uma relação entre a dimensão da tragédia causada pela enchente e a política ambiental do estado de Santa Catarina. Aponta o estado como recordista na devastação da Mata Atlântica, relutante em aprovar um Código estadual de Meio Ambiente, e líder na aprovação automática de licenças ambientais. O jornalista responsabiliza o governador do estado por esses problemas.

#### **7) há uma editoria de meio ambiente na revista? Sim**

Na editoria de Meio Ambiente, há uma reportagem sobre o possível desaparecimento de Jacarta, na Indonésia, apontado por estudo do Banco Mundial. As causas do desaparecimento seriam a falta de planejamento urbano e cuidados ambientais. É mencionado que as mudanças climáticas são responsáveis por chuvas cada vez mais abundantes que contribuem para o solo da cidade ceder.

#### **8) há menções sobre meio ambiente em outras matérias na revista? Sim**

Na sessão “Semana”, há uma nota sobre a “Seca na Economia”, sobre a relação entre mudanças climáticas e economia. A nota aborda um estudo que indica que se o cenário de mudanças climáticas previsto pelo IPCC realmente ocorrer, até 2070 o Nordeste brasileiro perderá 70% do seu PIB.

Na sessão escrita pelo jornalista Ricardo Boechat, há uma nota sobre a indenização da família do ambientalista Chico Mendes por sua luta em prol da Amazônia. Na sessão “Seu Bolso”, sobre economia, a matéria é sobre produtos “ecoefficientes” que ajudam na economia doméstica e reduzem danos causados à natureza.

#### **8) revista da semana seguinte:**

Na revista *Isto É* da semana do dia 12 de dezembro, o editorial aborda o Plano Nacional de Mudanças do Clima e a meta de redução do desmatamento pelo governo brasileiro. Na sessão do jornalista Ricardo Boechat, há uma nota sobre a isenção do pagamento de taxas de ocupação de 2009 concedida pelo governo às vítimas das enchentes no sul do país. Há também uma nota sobre a ampliação do monitoramento do desmatamento por satélite para outros biomas do Brasil: Cerrado e Mata Atlântica.

Na sessão “Comportamento”, há uma reportagem sobre profissionais dos Estados Unidos que vieram ao Brasil para ensinar práticas sustentáveis para população amazônica.

Na editoria de Meio Ambiente, a reportagem fala sobre o Plano Nacional de Mudanças Climáticas e a participação do Brasil na 14ª Conferência das Nações Unidas para Mudanças Climáticas (COP14) em Poznam, na Polônia.

### **5.3.1. Comparação**

Com base no levantamento realizado é possível fazer uma comparação entre a cobertura de cada uma das revistas nos critérios analisados:

- 1- O tema ambiental não foi o foco da reportagem de capa sobre as enchentes em nenhuma das três revistas. As três revistas deram bastante destaque aos dados das conseqüências das enchentes e às histórias das vítimas.
- 2- Sobre a menção às causas das chuvas e das enchentes, as três revistas expuseram esse aspecto tanto em texto como em infográficos. Considera-se que a explicação da revista *Época* foi mais profunda neste sentido pelos aspectos mencionados no próximo item.
- 3- As três revistas mencionaram a questão ambiental entre as causas das enchentes e dos deslizamentos. No entanto, o nível de aprofundamento dessas questões foi bastante diferenciado em cada uma das revistas. A revista *Veja* apenas mencionou o desmatamento e a ocupação das encostas dos morros. A revista *Isto É* aprofunda um pouco mais no tema ao responsabilizar a falta de saneamento básico, o desmatamento, a ocupação dos morros e o lixo jogado no chão pelos cidadãos. A revista *Época* foi a única das três revistas que estabeleceu uma relação direta entre as causas das enchentes e, da tragédia em geral, à questão ambiental e aprofundou o tema explicando a necessidade de preservação das cabeceiras dos rios e de manter as áreas de proteção permanente. Para embasar essa relação, houve uma pesquisa intensa com fontes de informação, estudos e comparação com outras realidades. Além disso, a revista apontou que as chuvas não foram necessariamente conseqüência das mudanças climáticas, demonstrando ter pesquisado sobre o assunto.
- 4- Entre as fontes consultadas, as três revistas citaram vítimas, especialistas e autoridades. Nas três revistas, autoridades do governo estadual, federal ou órgãos

responsáveis foram as fontes menos consultadas. Com relação às vítimas, a *Isto É* foi a que focou mais neste sentido, consultando nove pessoas. A *Veja* citou como fontes quatro vítimas e a *Época*, cinco. Com relação aos especialistas, houve uma inversão. A *Isto É*, consultou apenas três especialistas, enquanto a *Veja* consultou dez e a *Época*, nove, e foi a única que consultou fontes especializadas em meio ambiente.

- 5- A proposição de soluções não foi abordada pela revista *Veja*. A revista *Isto É* abordou o assunto, porém não na reportagem de capa, mas na matéria que a seguiu, apontando a necessidade de planejamento e políticas públicas para evitar tragédias. A revista *Época* deu destaque a esta parte. Ao abordar as causas da tragédia, a reportagem desta revista ofereceu sugestões de como solucionar o problema apresentando experiências positivas em outras cidades e estados.
- 6- Com relação às outras matérias ou notas das revistas dedicadas às enchentes, na revista *Veja*, o editorial aborda o assunto e na revista *Época*, a “Carta ao leitor”, escrita pelo diretor de redação, também. Na *Época*, o diretor de redação foca nas dimensões da tragédia e na reportagem em si. No editorial da *Veja*, é interessante observar que a posição destacada é “a natureza não é mãe nem madrasta. Ela é indiferente à nossa existência”, uma postura que tira do homem qualquer tipo de responsabilidade sobre a catástrofe e a preservação ambiental. Na revista *Isto É*, uma matéria e duas colunas abordam o assunto com foco diferenciado do realizado na reportagem de capa. Na matéria, a ênfase é dada às causas das enchentes e à responsabilização de ações humanas. Nas duas colunas publicadas nesta revista, as abordagens são ambientais. Uma faz uma relação entre as fortes chuvas e o aquecimento global e a outra entre a dimensão da tragédia e a política ambiental irresponsável, segundo o colunista, do estado de Santa Catarina.
- 7- Sobre a presença de editoriais de meio ambiente nas revistas, a única que possui é a *Isto É*. Na edição de 3 de dezembro, a editoria publicou uma reportagem sobre um estudo do Banco Mundial sobre o desaparecimento de Jacarta em consequência da falta de cuidados ambientais e das mudanças climáticas. Na edição da semana seguinte o tema da editoria foi o Plano Nacional de Mudanças do Clima anunciado pelo governo federal e a presença de autoridades brasileiras na 14ª Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 14).
- 8- Sobre matérias de meio ambiente nas revistas, a *Isto É* se destacou pela maior quantidade. Como mencionado, a revista possui uma editoria sobre o tema, e há mais duas notas e uma matéria na sessão de economia. Além das duas colunas mencionadas

que abordaram o tema em relação com as enchentes. No total, o tema ambiental esteve presente em sete sessões da revista. Na revista *Época*, que também publicou matérias sobre meio ambiente, estas estavam distribuídas em outras sessões, o que de certa forma também pode ser considerado interessante por se tratar de uma abordagem transversal do tema. No total foram quatro matérias/notas, contando com a abordagem do tema na reportagem de capa. Na *Veja*, não houve matérias sobre meio ambiente.

- 9- Nas edições seguintes, publicadas na semana de 10 de dezembro de 2008, a *Veja* traz uma entrevista com o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, nas páginas amarelas. No entanto, o foco da entrevista passa de temas políticos para temas pessoais (tais como porque usa colete, se é vaidoso e se já usou drogas) e não faz perguntas específicas sobre meio ambiente. Sobre as enchentes, há uma coluna destacando a solidariedade do brasileiro para com a população de Santa Catarina e uma reportagem também sobre solidariedade. Na *Isto É*, tem a editoria de Meio Ambiente, uma pequena nota sobre monitoramento do desmatamento por satélite no Cerrado e Mata Atlântica, uma reportagem sobre práticas sustentáveis na Amazônia e o editorial sobre o Plano Nacional de Mudanças do Clima abordam o tema. Sobre as enchentes, há uma pequena nota sobre a concessão de isenção de pagamento da taxa de ocupação de 2009 às vítimas. Na *Época*, não há nenhuma reportagem sobre as enchentes e o tema ambiental não foi abordado na edição.

### **5.3.2. Outras considerações:**

Acredita-se interessante apontar algumas observações sobre a cobertura das revistas, tanto no que diz respeito à relação entre a tragédia em Santa Catarina e a questão ambiental, como na abordagem sobre meio ambiente da revista em geral.

Na *Veja*, percebe-se que o tema é ainda ignorado pela revista, tanto na realização de matérias específicas sobre o assunto, quanto na abordagem da questão ambiental na cobertura de acontecimentos relacionados. A reportagem de capa da revista, no dia 3 de dezembro, menciona que, independentemente de ter havido ou não incompetência das autoridades para evitar a catástrofe, a tragédia foi acima de tudo causada pelos fatores geográficos, entre os quais o desmatamento e ocupação das encostas dos morros. É interessante enfatizar que esse enfoque da revista sugere que evitar o desmatamento e a ocupação desordenada não são responsabilidades das autoridades.

A análise indica que a cobertura da revista não está cumprindo seu papel de agendamento de um tema relevante diante da crise que o mundo vive e ao mesmo tempo não está acompanhando os debates mundiais sobre o meio ambiente. Essa alienação pode ser considerada preocupante principalmente se considerarmos que a *Veja* é a revista de maior tiragem e que atinge o maior público no país. A entrevista com o ministro do Meio Ambiente Carlos Minc sobre aspectos políticos e pessoais, mas não ambientais, reforça essa conclusão. O acesso ao ministro seria um momento oportuno para a revista abordar as questões ambientais que intensificaram o impacto das enchentes ou mesmo o Plano Nacional de Mudanças do Clima, lançado na mesma semana pelo governo federal e abordado no editorial da revista *Isto É*, mas isso não foi feito.

Sobre a cobertura realizada pela revista *Isto É*, vale destacar que embora a reportagem de capa não tenha um enfoque ambiental e nem faça menção ao tema, outra matéria e as duas colunas da revista cumprem o papel de fazer a relação entre as enchentes e o meio ambiente de modo adequado. Além disso, entre os exemplares analisados das três revistas, a *Isto É* foi a que mais dedicou espaço à cobertura de temas ambientais, inclusive com uma editoria de Meio Ambiente. Esta revista, quantitativamente, aborda mais o tema do que as concorrentes. Qualitativamente, a reportagem de capa não foi satisfatória pela falta de relação entre meio ambiente e enchentes, por outro lado, o tema foi bem trabalhado nas colunas.

No quesito relação meio ambiente/enchentes, a revista *Época* fez a melhor cobertura: a reportagem de capa mencionou o tema entre as causas, consultou fontes especializadas, comparou com outros estados, pressionou autoridades e propôs soluções. Quantitativamente, a *Época* não foi tão bem. Há outras notas sobre meio ambiente na edição da revista de 3 de dezembro, no entanto, o mesmo não se repetiu na edição da semana do dia 10 de dezembro, quando o tema ambiental não teve nenhum espaço na revista.

Em geral, com base nos exemplares analisados, a observação é que a cobertura do tema ambiental não está totalmente consolidada<sup>15</sup> nas revistas. Apesar delas terem feito

---

<sup>15</sup> Totalmente consolidada no sentido de fazer uma cobertura considerada adequada tanto na abordagem quantitativa de fatos ambientais como na abordagem de temas ambientais em fatos abordados por outras editorias, tais como Política, Economia, Brasil etc.

reportagens sobre as enchentes e terem contextualizado o fato com muitos dados e consulta a fontes, a questão ambiental só apareceu em uma delas.

As revistas, em níveis diferentes, ainda precisam avançar em alguns sentidos ao abordar o meio ambiente. A revista *Veja* precisaria ainda começar a pautar o tema entre suas matérias, a *Isto É* trabalhar a transversalidade<sup>16</sup> na abordagem do tema, ou seja, abordar a questão ambiental em reportagens sobre outros temas (como foi o caso das enchentes), e a *Época* ampliar o espaço dedicado ao tema na revista.

Vale apontar novamente que o resultado não deve ser generalizado para a cobertura total dessas revistas, nem para a mídia em geral. Diante de uma amostra pequena, não é possível fazer afirmações amplas.

#### **5.4. Jornalismo em crise (?)**

Entre os fatores que podem influenciar a não apropriação total do tema ambiental pelas revistas é possível apontar a diferenciação, realizada por Traquina (2005) entre dois pólos opostos no jornalismo: o pólo econômico e o pólo ideológico. O autor afirma que esses pólos são opostos no sentido que o pólo ideológico trabalha com a noção do jornalismo como um serviço público - de prover informações importantes aos cidadãos para a manutenção da democracia e defesa dos direitos -, e o pólo econômico interpreta a notícia como mercadoria e tem em mente o lucro como objetivo final.

A abordagem aqui considerada como plausível é que tanto os jornalistas como as organizações jornalísticas sofrem influência desses dois pólos. Há a noção de cumprir um papel social fundamental, mas há também a pressão da realidade econômica no momento de definição da linha editorial e de escolha das notícias a serem veiculadas nas revistas.

A interpretação é que nem sempre a questão ambiental é mais atrativa. A escolha do enfoque mais dramático, ressaltando a tragédia vivida pela população de Santa Catarina tem

---

<sup>16</sup> Tal como mencionado anteriormente, a transversalidade consiste na abordagem da temática ambiental em reportagens de outros assuntos que não estejam explicitamente relacionados ao meio ambiente. Ou seja, abordar questões ambientais em matérias de economia, políticas ou mesmo tragédias como as enchentes em Santa Catarina.

um apelo mais sensacionalista que “vende” mais. No entanto, é importante enfatizar que “na definição e construção das notícias, a importância do que é importante não pode ser apagada pelo imperativo do que é interessante” (TRAQUINA, 2005, p. 208).

## Conclusão

Com base no levantamento bibliográfico realizado, ficou evidente que a existência do jornalismo tal qual o conhecemos hoje está diretamente relacionada à consolidação de governos democráticos. Onde há liberdade de expressão, a prática jornalística cumpre um papel determinante: informar a sociedade sobre temas relevantes. Ao fazer isso, a imprensa acaba por exercer também o papel de guardiã das normas democráticas: cidadãos bem informados sobre o que acontece à sua volta são mais capazes de exigir que seus direitos sejam respeitados.

Desde o surgimento do primeiro esboço de jornalismo, este foi delimitando seu espaço até se tornar indispensável para as sociedades contemporâneas. Atualmente, é por meio dos meios de comunicação, tais como jornais impressos, revistas, rádio, televisão e internet, que os cidadãos se informam sobre política, economia, esportes, meio ambiente e cultura, entre tantos outros aspectos, para poder gerir sua vida prática.

Tendo em vista essa centralidade da imprensa, estudos apontam a capacidade da mesma de agendar entre a sociedade e os tomadores de decisão os fatos que publica ou veicula em suas reportagens. Um assunto amplamente abordado pela mídia é um assunto que faz parte da vida das pessoas, desde as discussões informais até mesmo ao debate político.

O meio ambiente, ao longo da história da humanidade, é um aspecto da vida do homem que nem sempre esteve na agenda pública. Apesar da sua relação de dependência para com a natureza, não havia uma consciência sobre a necessidade de preservá-la. Essa mentalidade começou a mudar a partir da década de 1970 e vem crescendo à medida que estudos científicos apontam o surgimento de uma crise ambiental gerada pela ação humana.

Diante do cenário divulgado por esses estudos, considera-se fundamental que a sociedade esteja informada e tenha conhecimento acerca do assunto. Sendo assim, é indispensável que o jornalismo faça uma abordagem adequada sobre o tema do meio ambiente e leve informações aos leitores.

Na análise sobre a cobertura das enchentes ocorridas em novembro de 2008 no estado de Santa Catarina realizada pelas três revistas de maior tiragem nacional, *Veja*, *Época* e *Isto É*, identificou-se que as revistas, em níveis diferentes, ainda precisam avançar em alguns sentidos ao abordar o meio ambiente. A revista *Veja* precisa dar o primeiro passo e começar a inserir questões ambientais em suas pautas. A revista *Isto É* pecou apenas na reportagem de capa pela falta de contextualização da degradação do meio ambiente entre as causas do grande impacto das enchentes, mas abordou o tema de modo adequado em colunas opinativas. A *Época* publicou a melhor reportagem de capa com relação à abordagem do tema ambiental entre as causas, no entanto, quantitativamente o meio ambiente não é uma pauta constante da revista.

Em geral, a observação é que a cobertura do tema ambiental não está totalmente consolidada nas revistas. Apesar de elas terem feito reportagens sobre as enchentes e terem contextualizado o fato com muitos dados e consulta a fontes, a questão ambiental não foi o foco central. Esperava-se, pelo fato de as revistas serem espaços privilegiados por uma liberdade em relação ao ineditismo e factual e permitirem maior tempo de apuração aos jornalistas, que explorassem a relação entre as enchentes e o meio ambiente e chamassem a atenção para os impactos da degradação ambiental, o que não ocorreu.

Nesse sentido, questiona-se se os interesses econômicos das organizações jornalísticas entraram em jogo fazendo com que as revistas tenham publicado prioritariamente reportagens com focos e chamadas de capa sensacionalistas, em detrimento de uma abordagem que desse destaque também para a questão ambiental.

Por outro lado, outras pesquisas apresentadas neste estudo sugerem que é possível ter uma esperança. Análises da cobertura sobre temas ambientais em jornais impressos diários, realizadas em períodos e anos diferentes, indicam uma melhora crescente na qualidade das notícias, nem tanto quantitativamente, mas qualitativamente. O foco menos sensacionalista e o aumento de consulta a fontes especializadas são pontos positivos ressaltados.

## Referências Bibliográficas:

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. **Mudanças climáticas na imprensa brasileira** - uma análise de 50 jornais nos períodos: de julho de 2005 a junho de 2007 e julho de 2007 a dezembro de 2008. ANDI – AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. 2009. 67 p. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/pdfs/MudancasClimaticas.pdf>>. Acesso em: 25/10/2009.

AZEVEDO, Fernando Antônio. **Agenda Setting**. (-)

BELMONTE, Roberto Villar. Cidades em Mutação. In: VILAS BOAS, S. (Org.). **Formação e informação ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004. Cap. 1 p. 15-48.

CRESPO, S. **O movimento ambientalista brasileiro pós Rio-92 – tendências e perspectivas**. IN: FÁBIO FELDMANN (Ed.). SAMYRA CRESPO, JOSÉ AUGUSTO DRUMMOND (Co-Ed.). RIO+10 BRASIL: uma década de transformações. ISER.MMA.FBMC. Rio de Janeiro: Quickgrafic Editora LTDA, 2002. 220p.

CRUVINEL, Teresa. **Colunismo**: análise, opinião e ética. In SEABRA, Roberto e SOUSA, Vivaldo (org.). **Jornalismo Político: Teoria, História e Técnica**. Rio de Janeiro: Record. 2006. 306p.

DRUMMOND, JOSÉ AUGUSTO. 1999. A legislação ambiental brasileira de 1934 a 1988: comentários de um cientista ambiental simpático ao conservacionismo. **Ambiente & Sociedade**. Ano II. N(3-4). p:271-49.

GERAQUE, Eduardo. Perceber a biodiversidade. In: VILAS BOAS, S. (Org.). **Formação e informação ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004. Cap. 3 p. 79-110.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. Brasília: Contexto. 2008. 240p.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004. 302 p.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001. 190 p.

LÜCKMAN, Ana Paula. **Jornalismo e mídia-educação no contexto do aquecimento global**. (-)

MARCOVITCH, Jacques. **Para mudar o futuro**: mudanças climáticas, políticas públicas e estratégias empresariais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006. 378p.

McCORMICK, JOHN. **Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1992. 224p.

MOTTA, Luiz Gonzaga; DRUMMOND, José Augusto; QUEIROZ, Antonio Carlos; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. **Os transgênicos na grande imprensa**: uma análise de conteúdo. In: NASCIMENTO, Elimar Pinheiro & VIANA, João Nildo. Economia, meio ambiente e comunicação. Rio de Janeiro. Garamond, 2006. 184p.

PRESOTTI, Clarissa Guimarães Carvalho. **Amazônia em crise**: o avanço do desmatamento nos grandes jornais do Brasil. Brasília, 2009. 112 p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular. 2005. 224p

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo. Summus, 1996. 136p.

### **Sites consultados:**

Associação Nacional dos Editores de Revista – ANER - <http://www.aner.org.br/>

Editora Abril - <http://publicidade.abril.com.br>

Editora três - <http://editora3.terra.com.br>

Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) - [www.fenaj.org.br/](http://www.fenaj.org.br/)

ANEXO -

As capas das revistas sobre as enchentes em Santa Catarina:

### 1) *Veja*



## 2) *Época*



### 3) *Isto É*

